

Expectativas do Mercado

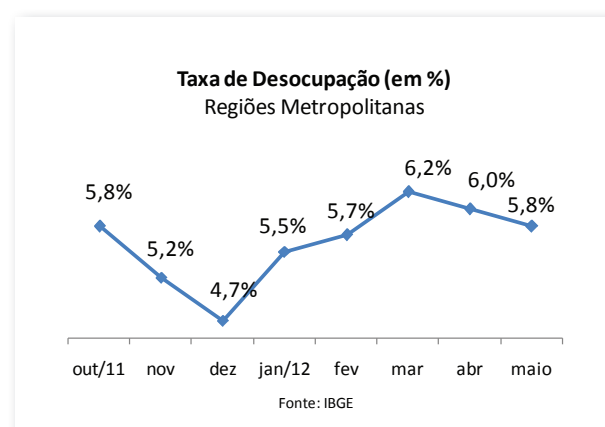
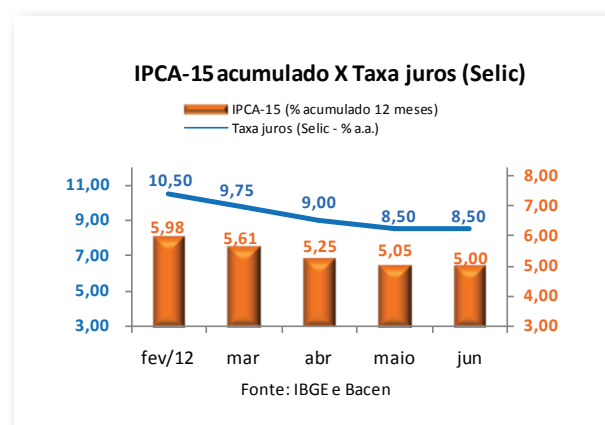
O Índice de Gerentes de Compra (PMI, em inglês) para o setor industrial dos Estados Unidos recuou de 53,5 para 49,7, de maio a abril. Valores abaixo de 50 representam retração e foi a primeira vez que isso aconteceu, desde julho de 2009. O Índice de Novas Encomendas também recuou, de 60,1 para 47,8, sinalizando que a recuperação da economia dos EUA se dará em ritmo bastante lento.

Já para o setor industrial da Zona do Euro, o PMI permaneceu em 45,1 em junho, mostrando também retração, que pode se agravar no segundo semestre. A taxa de desemprego da região, por sua vez, atingiu 11,1% em maio, o maior nível da série, iniciada em 1995, e reflete a crise porque passam países como a Grécia, Espanha, Portugal, França e Itália, mais especificamente.

Na China, o mercado imobiliário vem dando sinais de recuperação, o que pode frear a desaceleração da economia daquele país, uma vez que esse mercado puxa outros setores como o mobiliário e o eletrodoméstico, além de alavancar a demanda por minério de ferro, aço, cobre etc.

No Brasil, a inflação medida pelo IPCA-15 registrou nova desaceleração em junho, com a taxa acumulada de 12 meses caindo para 5,00% ao ano. A taxa de juros (Selic) foi reduzida para 8,50% ao ano em maio e pode fechar o ano em 7,50%, pelas expectativas do mercado financeiro. A taxa de desocupação nas principais regiões metropolitanas do país atingiu 6,2% em março, mas se reduziu nos meses seguintes. De acordo com o IBGE, a produção industrial recuou pela terceira vez consecutiva em maio. Em relação a abril, a queda foi de 0,9%, feitos os ajustes sazonais, e mostra o quão debilitada está a indústria brasileira, mas que tende a se recuperar.

A mediana das expectativas de mercado com relação à variação do PIB brasileiro foi ajustada para 2,05% em 2012. A expectativa do mercado para a inflação, medida pelo IPCA, deve ficar acima da meta anual de 4,5%, pelo menos, até 2016. Por sua vez, a expectativa para a taxa básica de juros (Selic) apresenta tendência à queda em 2012 e ajustes nos anos seguintes, voltando ao patamar de 9,00% ao ano.



Quadro – Expectativas do Mercado

	Unidade de medida	2012	2013	2014	2015	2016
PIB	% a.a. no ano	2,05	4,20	4,05	4,00	4,00
IPCA	% a.a. no ano	4,93	5,50	5,10	5,00	4,95
Taxa Selic	% a.a. em dez.	7,50	9,00	9,00	9,00	9,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	1,95	1,90	1,90	1,95	2,00

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 02/07/2012

Esta publicação integra o rol de trabalhos elaborados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae-NA e tem por objetivo contribuir com o planejamento e ações estratégicas do Sistema Sebrae. Neste número, inicialmente, é apresentado o desempenho recente da economia internacional e brasileira e as expectativas do mercado para os próximos anos. Na sequência, é exposta uma análise do desempenho recente de setores onde é forte a presença de Micro e Pequenas Empresas (Comércio varejista, indústrias têxtil e vestuário, calçados, móveis e turismo). Em seguida, o artigo Conhecendo o Cliente do Sebrae aborda alguns dados da PNAD (2009) do IBGE, que podem ser utilizados em estudos sobre esse tema. Finalmente, na última seção, são apresentados os dados mais recentes sobre as MPE na economia brasileira.

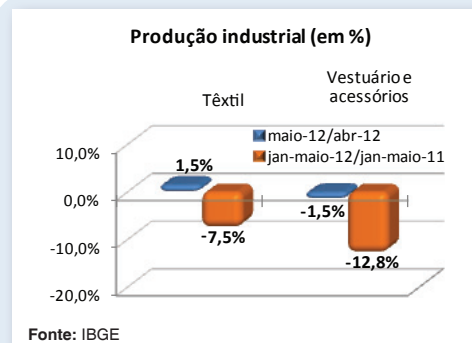
Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

Em abril, a receita nominal e o volume de vendas do comércio varejista cresceram, respectivamente, 0,8% e 0,6% sobre o mês anterior, com ajuste sazonal, segundo o IBGE, superando as taxas do mês anterior. Destacaram-se as atividades: combustíveis e lubrificantes (2,5%); material de construção (1,8%) e móveis e eletrodomésticos (1,5%). Desempenhos negativos foram registrados nas atividades: hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,8%) e livros, jornais, revistas e papelaria com -2,9%. A expectativa é de que o varejo continue crescendo, puxado pelo aumento da massa salarial (emprego e renda).

Fonte: IBGE

TÊXTIL E VESTUÁRIO



Em maio, a produção física da indústria têxtil cresceu 1,5% em relação a abril, com ajuste sazonal, mas acumula queda de 7,5% no ano, sobre igual período de 2011. Já a produção de vestuário e acessórios registrou retração de 1,5% em maio ante abril e, de janeiro a maio deste ano, acumula queda de 12,8%. Fato positivo foi constatar que as retrações nas produções desses dois setores, comparando-se os últimos meses com iguais períodos de 2011, têm sido cada vez menores, o que sinaliza processo de recuperação. Os efeitos das medidas contidas no Plano Brasil Maior e a perspectiva de menor concorrência com os produtos importados, em função, principalmente, da desvalorização cambial, tendem a beneficiar as empresas desses setores este ano.

Fonte: IBGE

CALÇADOS

A produção brasileira de calçados registrou queda de 5,3% em maio sobre abril. A retração no acumulado do ano, porém, é menor (4,7%) em relação ao mesmo período do ano passado. As exportações, por sua vez, também registraram diminuição, de 19,6% (em US\$), e de 2,9%, na quantidade de pares, no comparativo do acumulado do ano. O valor médio por par caiu de US\$ 11,22 para US\$ 9,30, enquanto as importações acumularam alta de 16,2% (em valor). Apesar disso, a balança comercial acumula superávit de US\$ 236 milhões. As recentes medidas anunciadas pelo governo e o câmbio desvalorizado tendem a beneficiar as empresas exportadoras e provocar redução nas importações.

Fonte: IBGE e Abicalçados

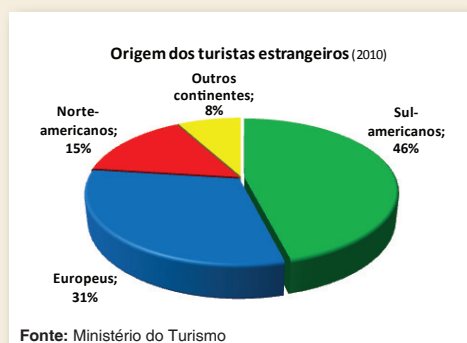


MÓVEIS

Segundo a Pesquisa Industrial mensal do IBGE, a produção do setor mobiliário registrou aumento de 3,0% em maio sobre abril e acumula alta de 3,6% no ano em relação a igual período de 2011. A balança comercial, por sua vez, computou superávit de US\$ 2,8 milhões, de janeiro a maio deste ano. As perspectivas para as empresas do setor continuam positivas tendo em vista a inclusão do setor no Plano Brasil Maior, que passará a pagar imposto de 1% sobre o faturamento em vez de recolher a contribuição patronal do INSS, de 20% sobre a folha de pagamento. Espera-se retomada maior da produção a partir do segundo semestre deste ano.

Fonte: IBGE e MDIC

TURISMO



A receita gerada com o turismo no Brasil atingiu US\$ 2,47 bilhões no primeiro quadrimestre deste ano, 9,0% acima da registrada em igual período de 2011. Pesquisa encomendada pelo Ministério do Turismo mostra que subiu de 26,6% para 31,5% o percentual de turistas que atribuíram nível máximo de excelência ao turismo brasileiro, de 2009 para 2010. Pode-se constatar que o Brasil é um país que fideliza o turista, pois 96% deles pretendem retornar ao país. As cidades mais procuradas são: Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu, Florianópolis, São Paulo, Búzios e Salvador. Cerca de 46% dos visitantes são sul-americanos, 31% são europeus e 15% vêm da América do Norte. Os europeus são os que gastam mais (US\$ 1.614,00, em média, contra US\$ 1.382,00 dos norte-americanos) e ficam 2,5 vezes mais tempo que os sul-americanos. A perspectiva é de crescimento ainda maior do turismo receptivo, nos próximos anos.

Artigo do Mês

Marco Aurélio Bedê¹

Conhecendo o cliente do Sebrae

Para atingir o sucesso, as organizações devem sempre procurar conhecer os seus clientes. “Quem são”, “quantos são” e “quais as suas necessidades” são questões que devem ser sistematicamente monitoradas.

Os donos de negócios constituem o principal público-alvo do Sebrae. Para conhecê-los melhor, a UGE do Sebrae-NA vem realizando vários estudos nessa direção. Estudo que está sendo desenvolvido com base nos micro dados da última PNAD do IBGE (2009) mostra que existem cerca de 18,5 milhões de donos de negócios “não agrícolas”, no país. Desse total, 28% possuem CNPJ (“1º Grupo”) e 72% não possuem (“2º Grupo”).

Dos 5,1 milhões pertencentes ao “1º Grupo”, verificou-se que metade trabalha sem empregados. Em média, esse grupo apresenta um nível de escolaridade superior aos classificados no “2º Grupo” (34% têm curso superior incompleto ou mais), têm 44 anos, recebem seis salários mínimos, trabalham 47 horas por semana e possuem microcomputador em casa (72%). A maioria trabalha em estabelecimentos fixos (80%) e se concentram no comércio e no setor de serviços.

Entre os 13,4 milhões de pertencentes ao “2º Grupo”, estão predominantemente indivíduos que trabalham sem empregados (93%), têm baixo grau de escolaridade (51% não completaram o ensino fundamental), em média, têm 42 anos, ganham 1,7 salários mínimos/mês, trabalham 38 horas por semana, 64% não possuem microcomputador em casa e 70% não utilizam internet. A maioria não trabalha em estabelecimento fixo (77%) e estão concentrados no comércio, no setor de serviços e no setor da construção.

Esses perfis diferenciados mostram que o desenvolvimento de produtos também deve ser feito de forma diferenciada. Os empresários que integram o “1º Grupo”, por deterem maior grau de escolaridade, tendem a demandar produtos mais sofisticados, em termos de conteúdo e acesso. Seu maior grau de informatização pode viabilizar soluções de atendimento informatizadas, em especial, disponibilizadas na internet. Já os empreendedores que fazem parte do “2º Grupo”, ao contrário, com menor grau de escolaridade, tendem a demandar produtos mais simples, em termos de conteúdo e acesso. Seu baixo grau de informatização exige o desenvolvimento de soluções de natureza presencial, que pode ser complementado por mídias mais tradicionais (p.ex. TV e rádio).

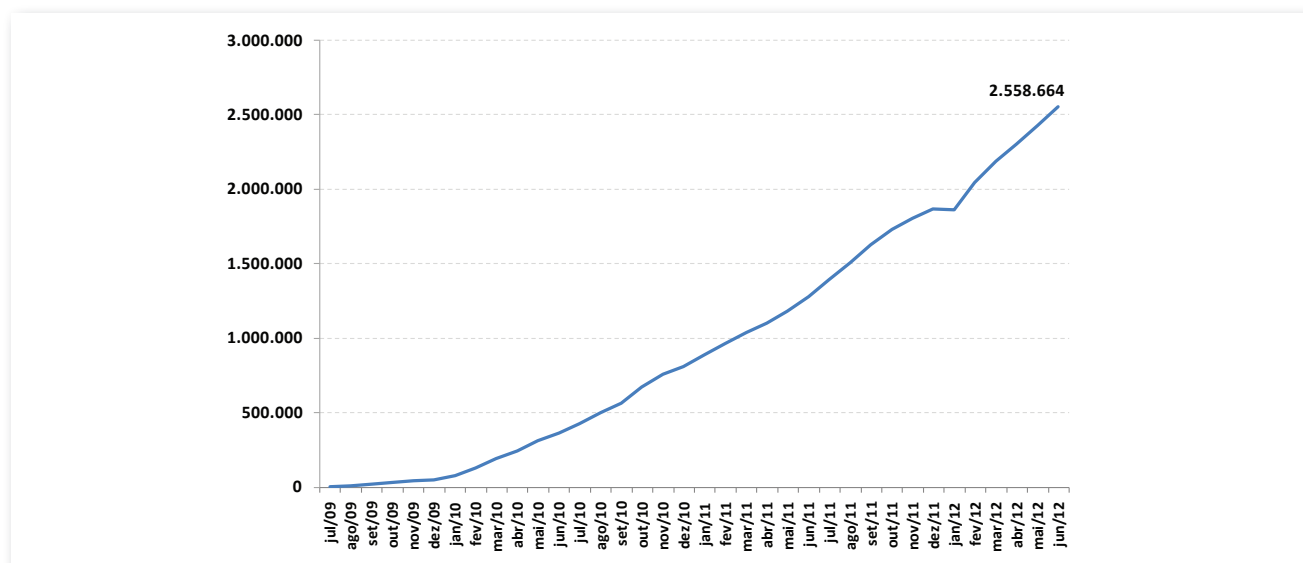
O estudo avança ainda ao sugerir que, em ambos os casos, a consideração das características do próprio negócio, como setor e segmento de atividade em que atuam, sugere o desenvolvimento de conteúdos focados por tipo de atividade (p.ex. conteúdos específicos para atividades de construção, alimentos e vestuário). Isso, sem que se abra mão do desenvolvimento de conteúdos mais genéricos, comuns a todos os empreendimentos, relacionados, por exemplo, à gestão de um negócio (p.ex. vendas, compras, administração de pessoal etc).

Sem querer esgotar o assunto, o estudo vai ao encontro do aprofundamento do conhecimento sobre os clientes do Sebrae.

¹ Doutor em Economia pela USP, analista da UGE.

Estatísticas sobre as MPE

Número acumulado de EI formalizados até 30 de junho de 2012



Dados básicos sobre Micro e Pequenas Empresas (MPE) no Brasil

Participação das MPE na economia (em %)	Ano do dado	Brasil	Fonte
No PIB (%)	1985	20%	Sebrae NA
No faturamento das empresas (%)	1994	28%	Sebrae NA
No número de empresas exportadoras (%)	2010	61%	Funcex
No valor das exportações brasileiras (%)	2010	1%	Funcex
Na massa de salários das empresas (%)	2010	40%	RAIS
No total de empregados com carteira das empresas (%)	2010	52%	RAIS
No total de pessoas ocupadas em atividades privadas (%) ¹	1999	67%	Sebrae SP
No total de empresas privadas existentes no País (%)	2010	99%	RAIS

Nota: (1) Pessoas Ocupadas = (Empregador + Conta-Própria + Empregado com carteira + Empregado sem carteira), apenas para o estado de São Paulo.

Informações sobre MPE	Ano do dado	Brasil	Fonte
Quantitativo de MPE			
Número de Micro e Pequenas Empresas registradas na RAIS	2010	6.120.927	RAIS
Número de optantes do Simples Nacional (em 30/06/2012)	2012	6.581.960	SRF
Número de Empreendedores Individuais (em 30/06/2012)	2012	2.558.664	MDIC
Número de estabelecimentos agropecuários (MPE)	2006	4.367.902	IBGE
Mercado de trabalho			
Número de empregadores no Brasil	2009	3.991.512	IBGE
Número de conta-própria no Brasil	2009	18.978.498	IBGE
Número de empregados c/ carteira assinada em MPE	2010	14.710.631	RAIS
Rendimento médio mensal dos empregadores no Brasil (em SM)	2009	6,7 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos conta-própria no Brasil (em SM)	2009	1,8 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/ carteira no Brasil (em SM)	2009	2,1 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/ carteira nas MPE (em R\$)	2010	R\$ 1.099	RAIS
Massa de salários paga por MPE (em R\$ bilhões)	2010	R\$ 16,1	RAIS
Comércio Exterior			
Número de MPEs exportadoras	2010	11.858	Funcex
Valor total das exportações de MPEs (US\$ bilhões FOB)	2010	US\$ 2,0 bi	Funcex
Valor médio exportado por MPEs (US\$ mil FOB)	2010	US\$ 170,9 mil	Funcex

Fonte: Elaboração UGE/Sebrae NA (atualizado em 02/07/2012).